

DEZ LIVROS PARA CONHECER BERTOLT BRECHT

Tercio Redondo (DLM)

É difícilima a tarefa de listar dez livros que possam apresentar e comentar uma obra tão extensa e complexa como a de Bertolt Brecht (1898-1956). Considerado o maior dramaturgo do século XX, sua produção extrapola em muito os limites do teatro e abarca uma infinidade de textos de poesia, prosa, crítica literária e intervenção política, roteiros para o cinema, uma vasta correspondência que trata de tudo isso, além da música, trabalhada em parceria com alguns dos mais importantes compositores de sua época, entre eles Kurt Weil, Paul Hindemith, Hanns Eisler e Paul Dessau. Destaque-se ainda o trabalho cenográfico, a utilização da fotografia em estreito diálogo com a lírica, o desenvolvimento de uma longa reflexão em torno do trabalho do ator e a crítica da instituição teatral.

Não obstante, uma seleção de textos pode ser útil como ponto de partida para aquele que está iniciando o contato com a literatura brechtiana. É preciso advertir também o caráter quase exclusivamente brasileiro desta listagem, que, à exceção da própria obra de Brecht e de um crítico estrangeiro, contempla apenas títulos de autores brasileiros. Caso a fortuna crítica internacional e sobretudo a alemã fossem objeto precípuo de consideração, é evidente que surgiria uma lista absolutamente diversa.

A ordem em que os livros são comentados não obedece a um critério de valor, concedendo-se, contudo, primazia à obra do próprio Brecht, que encabeça a lista.

1. O **Teatro completo** foi relançado pela Editora Paz e Terra, em 2012, sob o título **Bertolt Brecht fundamental**. É importantíssimo, ofertando ao público leitor brasileiro o conjunto das peças acabadas. Fruto da colaboração de diversos tradutores, o resultado final é irregular, mas algumas das versões apresentam alta qualidade em termos de fidelidade ao texto original, ou seja, são capazes de combinar soluções engenhosas na transposição tanto do conteúdo quanto da forma. Cabe naturalmente lembrar que o leitor fluente em inglês, francês ou espanhol encontrará nessas (e noutras) línguas excelentes edições da obra teatral.

2. Dentre as tentativas de divulgar a poesia de Brecht no Brasil, cumpre destacar a antologia organizada e traduzida por Paulo César de Souza, em volume publicado pela Editora 34 (**Poemas 1913-1956**). A produção lírica de Brecht é colossal: são mais de 2 mil poemas escritos ao longo de toda a vida, com uma gama muito variada de assuntos e um uso igualmente variado das formas. Brecht recuperou, por exemplo, a balada, gênero havia muito esquecido, e é de Hanna Arendt a opinião de que o único grande poema alemão escrito durante a guerra foi a sua *Cruzada das Crianças*, balada que narra as vicissitudes de um grupo de órfãos poloneses e de outras nacionalidades, em desesperada tentativa de fugir à invasão do exército nazista no início da Segunda Guerra Mundial. Deve-se também a Brecht uma radical experimentação lírica no trato da cidade moderna, coetânea à inovação desse tema na prosa de Alfred Döblin e John Dos Passos. A forma do epigrama, meticulosamente estudada em Horácio, rendeu a Brecht uma concisão do verso raras vezes alcançada na literatura alemã. O trabalho de Paulo César de Souza tem o mérito de apresentar uma boa parte dos poemas mais importantes, distribuídos de maneira bastante equilibrada nas diversas fases de sua produção.
3. Do mesmo modo que a lírica, a prosa de Brecht é pouco conhecida no Brasil. Vale aqui mencionar o **Romance dos três vinténs**, traduzido por Lya Luft e publicado em 1976. Infelizmente encontra-se há muito fora de catálogo. Perplexo diante da efusiva recepção do público burguês à ópera que levava esse mesmo título, Brecht elaborou em seguida uma versão para o cinema. Foi com base nessas duas experiências – e também na reflexão realizada em torno de um processo judicial relativo ao filme – que Brecht passou a cuidar do romance, publicado na Holanda, em 1934. A essa altura estava bastante amadurecida a reflexão do escritor exilado sobre o fascismo e suas origens no capitalismo em sua fase monopolista e imperialista. Como se sabe, o novo regime concedeu à indústria alemã a base política para uma expansão sem precedentes, e a indústria, por seu turno, garantiu ao nacional-socialismo as condições econômicas que sustentaram nos anos seguintes seus ideais de hegemonia mundial. O romance inova na estrutura e na linguagem, sobretudo pela aproximação com a técnica cinematográfica, tornando-se já a partir dessa relação um marco da narrativa moderna.

4. Durante os anos de exílio, iniciado em 1933, e no período vivido em Berlim oriental, depois do retorno à Europa, Brecht produziu um conjunto de anotações sobre temas os mais diversos, contidas nos **Diários de trabalho**, publicados no Brasil pela Rocco, com tradução de Reinaldo Guarany e José Laurenio de Melo. Dos três volumes anunciados pela editora, saíram até agora apenas os dois primeiros, referentes ao período do exílio europeu e norte-americano, encerrado em 1947. Nos *Diários*, Brecht faz uma série de reflexões sobre o próprio trabalho, registra o diálogo com diversos amigos, colaboradores, intelectuais e artistas, comenta o noticiário em torno da guerra, a recepção de sua obra, os desafios estéticos e políticos impostos pelo fascismo internacional e as dificuldades surgidas na luta pelo engajamento dos intelectuais alemães emigrados. Editados postumamente, esses escritos introduzem o leitor não apenas em temas centrais do pensamento do escritor, mas revelam a forma mesma desse pensamento, o esforço em refletir dialeticamente as relações entre a própria obra e a sociedade.
5. Creio que o estudo de um grande autor deve passar obrigatoriamente por sua biografia, com a ressalva de que não se pode inferir de episódios familiares ou pessoais explicações acabadas sobre quaisquer aspectos da obra, em perspectiva psicologizante, que é pouco frutífera. Entretanto, são inúmeros os trabalhos, sobretudo de autores alemães, que procuram delinear um perfil capaz de plasmar a infinidade de interesses e de relações pessoais (sempre misturadas às relações de trabalho) que constituíram uma personalidade artística e política tão rica quanto a de Brecht. Nesse terreno sobressai entre nós o livro de Fernando Peixoto, **Brecht: vida e obra**. Desde a sua publicação nos anos 1970, a fortuna crítica internacional cuidou de agregar uma grande quantidade de novas informações sobre a vida do teorizador do teatro épico, mas no Brasil essa continua sendo a única biografia disponível, infelizmente esgotada no catálogo da editora. Longe de se ocupar com aspectos meramente anedóticos da vida de Brecht, o perfil traçado por Fernando Peixoto estende-se à obra, comentada por alguém que a conheceu a fundo e tem um ponto de vista original a oferecer.
6. **Trabalho de Brecht**, de José Antonio Pasta, constitui, salvo melhor juízo, o estudo de maior fôlego já realizado no Brasil sobre a obra do escritor alemão. Seus méritos iniciam-se já no ponto de partida adotado para a pesquisa: as relações da produção brechtiana com a tradição. De um lado, a proximidade com

Goethe e Schiller, duas figuras literárias que, como salienta o crítico, desempenham um papel incomum na configuração da literatura alemã, em contraste com uma classicidade de menor potencial para a reatualização, como a que se produziu na França e na Inglaterra, na primeira metade do século XX. De outro, a herança hegeliana e marxista, inseparável da obra madura de Brecht e de seu impulso totalizante. A apresentação desse quadro seria por si só um feito notável, mas *Trabalho de Brecht* vai além, situando essa discussão no plano do processo estético-político em andamento no Brasil da redemocratização nos anos 1980. É sobretudo nessa problematização da obra de Brecht, em confronto com nossa atualidade histórica, que reside a força do livro de José Antonio Pasta, obra que sinaliza a possibilidade de uma apropriação esquiva à pura reverência e verdadeiramente crítica do legado brechtiano.

7. Frederic Jameson integra um seleto grupo de intelectuais norte-americanos capazes de estabelecer uma relação dialética entre literatura e sociedade. Relançado no Brasil em 2013, seu **Brecht e a questão do método** é comparável ao estudo de Pasta na ambição (absolutamente necessária) de situar a obra brechtiana na atualidade do mundo hiperadministrado. Pesquisando no contexto acadêmico estadunidense, Jameson está ciente das dificuldades de se fazer compreendido ao tratar um assunto de maneira dialética, evitando que se esgote num programa estético-filosófico fechado. Trata-se para ele de discutir um método de trabalho desde o início avesso à condição de produto acabado e pronto para o consumo. Desse modo, tem de acertar as contas com as tentativas pós-modernas de apropriação do teatro de Brecht, apropriação engendrada por um meticuloso trabalho de subtração da matriz política das peças e do restante de seus escritos. Apesar do estilo claro e direto, a leitura do livro torna-se por vezes difícil, em virtude, sobretudo, da referência direta e indireta a um amplo repertório de textos filosóficos, o que não deve desanimar, mas estimular ainda mais a reflexão e o debate.
8. Ao publicar **O teatro épico**, em 1965, Anatol Rosenfeld atendia a uma demanda fundamental: compreender uma nova perspectiva teatral, recém chegada ao Brasil. Radicado no país desde os anos 30, Anatol tinha a clara consciência de que o assunto teria de passar por uma revisão mínima da história do desenvolvimento do teatro europeu, bem como de situar o leitor no quadro mais geral dos elementos constituintes do gênero dramático. Assim, da maneira

didática e concisa que se tornou sua marca entre nós, introduziu o teatro brechtiano por meio de uma discussão inicial em torno da teoria dos gêneros literários, seguida pela apresentação de uma série de exemplos de construção épica ou narrativa no teatro europeu, desde a antiguidade clássica até o século XX, sem deixar de mencionar também o teatro asiático e o norte-americano. Na última parte do livro, estando o leitor informado desse longo percurso, Anatol discute finalmente a nova forma épica desenvolvida por Brecht, até então um enigma de difícil resolução, mesmo para a fração mais culta e inteligente do teatro brasileiro. Apesar do meio século transcorrido desde então, o pequeno livro não perdeu a condição de obra introdutória essencial, com todos os méritos que um livro dessa natureza pode e deve possuir.

9. **Sinta o drama**, de Iná Camargo Costa, é um livro que reúne ensaios diversos dedicados a temas os mais variados e não necessariamente relacionados a Brecht. Não obstante, ao menos três de seus capítulos oferecem uma contribuição fundamental para a discussão atual em torno do autor. Refiro-me aqui, em primeiro lugar, ao ensaio que dá título à obra. Nele o teatro épico é apresentado a partir da crítica de Adorno, Lukács, Szondi e Anatol Rosenfeld, revelando em que medida Brecht responde a algumas questões centrais que o teatro de seu tempo levantou no plano estético e político. De maneira muito sucinta e didática, a proposta brechtiana para um teatro épico é avaliada em seu contexto histórico específico, oferecendo ao leitor um quadro geral da luta renhida pela superação do drama burguês na Alemanha. Em segundo lugar, refiro-me ao ensaio “A resistência da crítica ao teatro épico”, que trata da recepção inicial brasileira da obra de Brecht, de acordo com as posições assumidas por Décio de Almeida Prado. Tomando ciência do repertório teórico predominantemente francês que lastreia as ideias do crítico brasileiro, podemos compreender, entre outras coisas, alguns dos principais equívocos em que incorre amiúde a crítica brasileira de Brecht até os dias de hoje. Por último, refiro-me a “Brecht, Adorno e o interesse do engajamento”, capítulo que fecha o livro, abordando duas peças de Brecht duramente criticadas pelo pensador frankfurtiano: *A Santa Joana dos matadouros* e *A resistível ascensão de Arturo Ui*. As objeções da autora à crítica adorniana estão amparadas por uma leitura que contempla aspectos não meramente contedúísticos das peças e também por

um consistente material historiográfico, importante para superar uma crítica que, como fica demonstrado, incorre por vezes em excessiva abstração.

10. Em 1986, uma série de críticos, atores e diretores de teatro, gente de dentro e de fora do meio acadêmico, reuniu-se para um seminário de três dias, no Rio de Janeiro, para discutir o legado de Brecht e sua atualidade no país recém saído da ditadura, que havia sido particularmente dura em relação ao meio teatral. As contribuições apresentadas naquele evento foram reunidas num livro intitulado **Brecht no Brasil**, organizado por Wolfgang Bader e publicado no ano seguinte. Apesar das três décadas que se passaram desde então, o livro ainda desperta interesse. A parte inicial, que contempla artigos sobre o teatro, a lírica e a ensaística brechtiana apresenta-se como introdução apenas ligeira, mas as demais sessões oferecem uma discussão bastante variada e constituem um registro histórico importante do modo como Brecht foi então recebido e pensado entre nós. Surpreende, por exemplo, o depoimento de Hugo de Villavicencio sobre a montagem d' *A padaria*, peça inacabada de Brecht, encenada por trabalhadores do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em São Paulo, cidade que se tornou palco e objeto de pesquisa para aquele trabalho.

Lista das obras:

Bertolt Brecht. *Bertolt Brecht fundamental*. Volumes I e II. Vários tradutores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

_____. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Romance dos três vinténs*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

_____. *Diários de trabalho*. Volumes I e II. Trad. Reinaldo Guarany; José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002/2005.

Fernando Peixoto. *Brecht: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

José Antonio Pasta. *Trabalho de Brecht*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2010.

Fredric Jameson. *Brecht e a questão do método*. Trad. Maria Sílvia Betti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Anatol Rosenfeld. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Iná Camargo Costa. *Sinta o drama*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Wolfgang Bader (org.). *Brecht no Brasil: experiências e influências*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.